

ETERNAMENTE GRATO!

As maravilhas realizadas por Deus nos meus XXV anos de serviço sacerdotal

Era o dia 16 de novembro de 1985 quando desembarquei no aeroporto de Viracopos em Campinas, vindo da Itália. Um colega que me aguardava me levou até uma humilde casa do Parque Santa Madalena, bairro pobre da zona leste de São Paulo. Passei cerca de quatro horas em ônibus e metrô para chegar ao destino. Confesso que de cara fiquei transtornado. A frente da casa ficava debaixo do nível da estrada principal. O resto da estrutura era em descida, acompanhando a inclinação do morro do qual dava para ver parte da imensa favela que cercava o bairro. O risco de desmoronamento era muito alto. A casa parecia se agarrar às outras para não ruir.

Era aí que funcionava o seminário de teologia dos Missionários Combonianos. A estrutura era bem diferente daquela que conhecera na Itália durante os primeiros anos de formação à vida religiosa. Não havia nenhuma mordomia. Na casa cabiam doze pessoas, divididas em três quartos, cada um com duas beliches. Havia também sala, cozinha e capela, distribuídas ao longo de três rampas de escada externas.

Era a época das comunidades religiosas inseridas no meio popular. Atendendo a um apelo de dom Paulo Evaristo Arns, que na época era Cardeal Arcebispo de São Paulo, muitos religiosos e religiosas deixaram suas estruturas nos bairros de classe média e alta para irem morar no meio dos pobres, sentindo na própria pele, como diria Papa Francisco, o cheiro da humanidade marginalizada. Foi aí que morei durante os quatro anos de teologia antes de ser ordenado padre.

Após o susto inicial, foi me acostumando àquela vida dividida entre os estudos no Instituto Teológico de São Paulo (Itesp), a vida comunitária e o trabalho pastoral na favela. Nas salas da Igreja Paroquial funcionava um projeto que atendia crianças empobrecidas no horário livre da escola. Quem coordenava era Valdênia, uma jovem estudante de pedagogia que, apesar de sua aparente fragilidade, foi sempre portadora de uma força extraordinária. Foi-me inserindo naquele trabalho também para aperfeiçoar a aprendizagem da língua. Nas primeiras férias fui para a rua. Peguei um carrinho e foi catar papelão. Queria sentir na pele o que se passava com a garotada que sobrevivía daquela forma. No início dava muito nojo. Os meninos olhavam com desconfiança. Alguns não gostavam nem um pouco, pois achavam que estava ocupando o espaço deles, mas afinal todo mundo foi se acostumando. A experiência valeu para abordar os adolescentes e começar um trabalho com eles. As vivências eram aquelas típicas da rua: os donos do ferro velho roubavam no peso; os meninos molhavam o papelão e escondiam pedras para recuperar o peso roubado. Havia garotos que arredondavam a renda cometendo pequenos furtos e aqueles que escondiam drogas debaixo da sucata. Volta e meia uns iam presos. Não faltavam aqueles que morriam assassinados pelo tráfico ou pela polícia.

Começou assim minha relação com a Pastoral do Menor (PAMEN). Foi como colocar os pés na areia movediça. Foi engolido muito antes de me dar conta da “encrenca” em que me enfiara. O caldo foi engrossando quando o Zuzinha, garoto de 14 anos, foi apreendido e levado para a FEBEM do Tatuapé. A mãe

foi atrás da gente para pedir orientação. Juntamente com a equipe toda, decidimos acompanhá-la na primeira visita. Não fomos autorizados a entrar. Procuramos então o padre Júlio Lancellotti, coordenador da PAMEN que se dispôs a ir conosco. Naquele dia abriram-se para mim os portões do sistema socioeducativo. Com o apoio do padre Júlio conseguimos autorização para realizar visitas semanais, primeiro na Unidade da FEBEM do Tatuapé e depois na Imigrantes. Havia centenas de meninos e meninas trancafiados em condições subumanas, submetidos a todo tipo de atrocidade.

O trabalho com adolescentes autores de atos infracionais foi tomando conta de meu tempo e minhas energias. Bem antes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECRIAD) ser aprovado, a PAMEN já executava em São Paulo um trabalho de acompanhamento aos adolescentes em meio aberto através da Liberdade Assistida Comunitária (LAC). Fora uma intuição profética de dom Luciano de Almeida Mendes, irmã Maria do Rosário, Ruth Pistori, pe. Júlio e outros militantes da PAMEN. Assumimos esse compromisso na região de Sapopemba na zona leste da capital. Inicialmente não contávamos com recursos. Entrávamos em qualquer “quebrada” para percorrermos juntos um itinerário de mudança com os adolescentes que estivessem a fim. Tivemos que encarar a hostilidade do tráfico e a rejeição da comunidade que não entendia a finalidade do trabalho. Quando um adolescente era ameaçado de morte, não existia o Programa de Proteção aos Adolescentes Ameaçados de Morte (PPCAAM). A nossa salvação era o dom Luciano, bispo auxiliar da região Belém de São Paulo, que sempre dava um jeito para arrumar um lugar para proteger a garotada que corria o risco de morrer. Muitos meninos deram a volta por cima. Vários morreram. Outros optaram por continuar no crime, passando da FEBEM ao sistema penitenciário. Foi assim que começou também minha militância na Pastoral Carcerária, cuidando da assistência religiosa aos presos nas delegacias da Zona Leste e em alguns presídios de São Paulo, como o Pavilhão 8 do Carandiru.

Em 1987 decidimos fundar a CASA AZUL, uma estrutura para acolher meninas envolvidas na prostituição. Mas, o primeiro a ser acolhido na Casa foi Alemão, um adolescente da FEBEM soropositivo. Com o aparecimento da AIDS abria-se um novo dramático capítulo numa labuta que já era muito difícil. Alemão não sobreviveu, mas não foi o vírus do HIV que matou ele. Foram as balas da polícia.

Gerenciar a CASA AZUL não foi fácil. Mas dezenas de meninas encontraram nela um porto seguro para dar um basta à exploração sexual e dar início a um processo restaurativo.

Em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, começou a luta pela aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Depois veio o árduo trabalho de torná-lo realidade. Para que o ECRIAD saísse do papel e se tornasse realidade, em 1989 fundamos o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente - CEDECA SAPOPEMBA que dedicamos a Mônica Paião Trevisan, adolescente que foi encontrada morta esquartejada. O CEDECA Sapopemba tornou-se um vulcão de iniciativas. Faltava dinheiro, mas sobravam dedicação e generosidade. O CEDECA Sapopemba existe ainda. Muitas pessoas doam tempo, energia, recursos e amor para o trabalho dar certo. Centenas de meninos

e meninas encontraram e continuam tendo no CEDECA um ponto de apoio na construção de um projeto de vida regado à cidadania.

Em 1989 fui transferido para a Itália, onde fui ordenado padre no dia 30 de setembro daquele ano. Fui chamado a dirigir uma revista missionária destinada a crianças e adolescentes. Ocupei o cargo por quatro anos. Em 1993 voltei a São Paulo, onde, além de dirigir a revista missionária Alô Mundo, continuei o trabalho no CEDECA, na Pastoral do Menor e na Pastoral Carcerária.

Não dá para lembrar de todos os meninos e meninas que Deus pôs no meu caminho ao longo dos anos que passei em São Paulo. Em nome de todos quero recordar um grupo de adolescentes que, liderados por Marcelo, criaram um time de futebol chamado Explosão. Desse grupo “explodiram” dezenas de atividades culturais, esportivas e profissionalizantes que mobilizaram a região de Sapopemba. Foram anos muito ricos de experiências que marcaram minha vida. Ainda hoje, a distância de quinze anos, mantenho laços muito fortes com o povo da favela de Parque Santa Madalena.

No final de 1999 foi transferido para Serra, município da Grande Vitória, Achava que ia descansar e quem me enviou pensava que ia sossegar. Mas não tem jeito. Pastoral do Menor não é profissão. É um chamado que toma conta da gente. É uma missão que brota do coração apaixonado de Deus pelos mais pobres. É uma sedução divina irresistível. É o clamor da criança sofrida que tira o sossego e mexe no fundo da alma. É um poço inesgotável de vida nova bom para alimentar quem procura ser discípulo de Jesus de Nazaré. Integrado à comunidade comboniana de Carapina, comecei minha atuação no bairro de Novo Horizonte na Serra para dar continuidade ao Projeto Cidadão, fundado pelo padre João Pedro Baresi e por pessoas das Comunidades Eclesiais de Base da paróquia São José Operário. Aos poucos, o trabalho foi crescendo. Passo a passo foram surgindo novos projetos até formar a REDE AICA – Atendimento Integrado à Criança e ao Adolescente - que atualmente é composta por dez projetos que atendem quase 2000 crianças e adolescentes. A REDE AICA não foi planejada. Foi acontecendo. Foi surgindo e crescendo para responder aos apelos das crianças e adolescentes violados em seus direitos. Pariu de entranhas grávidas da esperança e de fé no mundo novo possível a partir do protagonismo dos pequenos. Foi fruto de uma construção coletiva que envolveu e continua envolvendo muita gente generosa. Sua história e sua atuação constituem uma referência na área da defesa e promoção dos direitos das crianças e adolescentes. Não dá para lembrar todos aqueles e aquelas que participaram e continuam fazendo parte dessa obra que tem muito amor como marca registrada. Homenageio e agradeço a todos através dos membros da diretoria, Dilma, Mary, Claudimar, Sônia, Nice, Luciana, Solange, Claudimar, Edilene, Marcelo e todos os outros companheiros e companheiras de caminhada que deram e continuam dando a vida para promover vidas.

Mesmo atarefado com a REDE AICA, continuei minha militância na área da defesa e promoção dos Direitos Humanos, no atendimento aos adolescentes privados de liberdade e aos internos do sistema carcerário. Não foi nada fácil. Incompreensões, perseguições, ameaças, tensões e desafios fizeram parte do dia-a-dia. Decisivo foi o encontro com Marta, Gilmar, Verônica, Reis, Bruno, Vanda, Lena, Sandrinha, pe.Kelder, Isabel, Célia, Severino, os seminaristas de

São Mateus e muitos outros companheiros e companheiras que me enriqueceram com seu testemunho, me seguraram nos momentos difíceis e me edificaram com sua total dedicação à causa da dignidade humana. Mesmo com toda a nossa fragilidade, alcançamos grandes vitórias. Mediamos conflitos. Semeamos a cultura da paz. Buscamos lograr ações em benefícios das vítimas das violências. Fizemos ressoar em todas as instâncias nacionais e internacionais os clamores dos mais pobres. Apoiamos as lutas das comunidades quilombolas e indígenas. Juntos derrubamos as masmorras do sistema carcerário capixaba: conseguimos a implosão da casa de Passagem de Vila Velha, a desativação das carceragens dos DPJ's da Grande Vitória, a demolição da Casa de Custódia de Viana, a desativação das celas metálicas e a construção de novas unidades para amenizar o desafio da superlotação nos presídios e nas unidades socioeducativas. Falta muito ainda para um sistema que ajude efetivamente no processo de restauração e ressocialização, mas passos importantes foram realizados graças à nossa teimosia em defender a tese que só um sistema humanizado contribui à recuperação do ser humano e a diminuição dos índices de violência.

Após treze anos em terras capixaba e um ano sabático para recuperar as forças físicas e espirituais, agora estou em Santa Rita, município da Paraíba, a 30 quilômetros de João Pessoa, compartilhando com irmão Chico uma experiência de inserção numa comunidade de periferia, convivendo com famílias de catadores de materiais recicláveis, a serviço da Paróquia Santo Antônio de Marcos Moura, da Pastoral do Menor e do Centro de direitos Humanos dom Oscar Romero.

Agradeço a Deus por tudo aquilo que me concedeu ao longo dos meus 52 anos de vida e 25 anos de serviço sacerdotal. Em toda minha história Deus sempre se fez presente. Sua providência não fez faltar o necessário para levar para frente o trabalho. Sua ternura me consolou nos momentos de dificuldade e seu seio materno e paterno, ao mesmo tempo, me ofereceu amparo nos momentos de desânimo. Sua misericórdia me auxiliou na cura das minhas e das feridas dos outros. Sua indignação diante da vida violada me impulsionou a lutar para a garantia de uma vida digna para todos. Deus foi parceiro de minha caminhada e continua andando comigo, para que O ajude a tomar conta de seus filhos e filhas marginalizados. Coloco em suas mãos misericordiosas minhas falhas e peço perdão a todos aqueles que, por ventura, ofendi ou prejudiquei com meus erros. Obrigado de coração a todos vocês pela amizade, pelo apoio e pelo carinho. Obrigado ao Brasil por tudo aquilo que me ensinou, sobretudo ao Centro de Defesa dos Direitos Humanos – CDDH da Serra, que no dia 20 de setembro celebra 30 anos de história, à Pastoral do Menor, à Pastoral Carcerária e à Arquidiocese de Vitória, em nome do dom Silvestre e do querido dom Luís que sempre me animou a servir os mais pequenos. Obrigado ao povo das comunidades da Paróquia São José Operário, aos meus confrades, às missionárias combonianas e aos muitos outros companheiros e companheiras que Deus, com generosidade, colocou ao meu lado ao longo da minha caminhada. Um obrigado muito grande às crianças e aos adolescentes que tanto me ensinaram e tanto me enriqueceram nestes anos todos.

Cada vida que é resgatada e preservada da cultura da morte é uma luz que ilumina nossa existência e a torna cada vez mais significativa.

Longe de nós as divisões, o desânimo, a resignação, a passividade e a tentação da desistência. Cuidado com o cristianismo alienante, tão distante daquele cristianismo idealizado por Jesus, que vendo a multidão faminta falou: 'Tenho pena deste povo, porque é como ovelhas sem pastor'. O Evangelho de Jesus Cristo visa salvar o ser humano e libertá-lo de tudo aquilo que lhe impede de ser gente de verdade.

Hoje parece prevalecer um Jesus descompromissado com os pobres, os excluídos, enfim, com a justiça social. *“O Jesus de hoje é anunciado como aquele que cura e faz milagres na vida da pessoa, um Jesus que não está nem aí com as causas sociais que geram a cultura de morte. É o Jesus das promessas de riqueza, de curas, do bem estar pessoal. Não se fala no Jesus que quer que lutemos contra a fome, a miséria, a violência, a exclusão... Enquanto as pregações são alienantes, desencarnadas, fora de contexto; enquanto as celebrações ou os cultos são recheados de aplausos, lágrimas, vivas, danças, promessas de curas, milagres, libertação interior; enquanto as músicas são voltadas para o emocionalismo, para as nuvens, levando as pessoas ao comodismo e à alienação, o povão vai, a cada dia que passa, mergulhando no submundo da miséria, da fome, da exclusão social, da cultura da morte”* (pe. Djacy Brasileiro). Permanecemos fieis a Jesus de Nazaré para que a Igreja seja cada vez mais pobre, com os pobres e para os pobres.

Rezem por mim. O meu coração sente ainda muito forte a saudade. Com vocês partilhei treze anos da minha vida. Apesar de ter passado já dois anos longe de vocês, não consigo ainda superar a dor da distância. Além do sofrimento da saudade, tenho que encarar a fadiga de ter que começar tudo de novo. Espero que Deus me dê força e coragem.

Continuo acompanhando os passos de vocês. Sintam-me ainda um companheiro de caminhada. Quero continuar cuidando de vocês assim como vocês sempre cuidaram de mim.

Deus “diga bem” de todos nós.

Padre Saverio Paolillo (pe. Xavier)
Missionário Comboniano
Pastoral do Menor e Carcerária
Centro de Direitos Humanos dom Oscar Romero

Aproveito da oportunidade para convidá-los a participar da Celebração de agradecimento a Deus pelos XXV anos de meu serviço sacerdotal e os 30 anos de existência do CDDH de Serra
Vai em anexo o convite e a programação